

Os Ferreiros e Ferradores do Concelho de Carrazeda de Ansiães

Cristiano Júlio Moreira de Sousa¹

À memória do meu avô Júlio Cardoso de Sousa, Ferrador

Resumo: O presente artigo incide, essencialmente, na recolha da memória de ferreiros e ferradores do território de Carrazeda de Ansiães, entre o final do século XIX até ao século XXI. Este trabalho visa, entre outros objetivos, revivificar a memória coletiva e social dos mestres ancestrais e artesãos tradicionais com relevo económico-social e cultural no contexto rural. Assim, ao longo deste é apresentada a arte de moldar o ferro, bem como o conhecimento técnico de ferrar, atestado com contributo fotográfico para a patrimonialização e musealização do ferreiro e ferrador.

1. Introdução

Consta que o Concelho de Carrazeda de Ansiães foi local de inúmeros ferreiros e ferradores, porém atualmente, o mesmo não se verifica.

O ferreiro é o artífice que labora o ferro, depurando o metal bruto, malhando-o, recozendo-o e modelando-o a quente. Esta arte de moldar o ferro esteve, maioritariamente, associada aos ferreiros e ferradores, uma vez que detinham competências para arquear o ferro na forje por forma a “calçar” os animais (cavalos e bois), assim como para forjar as armas (espadas, lanças, machados, entre outros).

A profissão supramencionada é milenar e sofreu várias dissemelhanças e atualizações até à atualidade. Por norma, havia pelo menos um profissional em cada localidade e, portanto, durante a Idade Média era comum a imagem do ferreiro do sítio, como responsável por toda a metalurgia do povoado.

No decorrer dos séculos XVII e XVIII assiste-se à continuação do “[...] triunfo da ferraria artística. É por excelência a sua grande época, porque a técnica não cessa de progredir. Os mestres [...] duma habilidade extraordinária, eram capazes de realizar todo e qualquer conjunto, [...] de utilizarem ornamentos em folha de ferro, juntamente lindas incrustações de bronze e de latão, tornando as suas obras mais valorizadas e de superior gosto artístico” (Lima, 1963: 194).

Relativamente à oficina de labor para exercício das matérias-primas - aço, ferro bruto e carvão -, pode constatar-se a evidência da “forja” para a modelagem. Uma das ferramentas mais utilizadas é o “grande fole”, que tinha como principal fundamento a atividade constante de avivar o fogo, atiçando e mantendo o carvão em brasa. O processo ocorre através do ar comprimido e insuflado que sai do seu bico. De salientar que é esta ação de calor que fornece ao metal um tom incandescente, tornando-o maleável.

Além do descrito anteriormente e remontando a épocas anteriores, estes profissionais produziam não só ferramentas e utensílios de trabalho destinados ao exercício da agricultura (“calçar” animais, alfaias agrícolas, arados, as enxadas, as foices, as ganchas, e outros) mas também objetos com utilidade quotidiana

¹ Técnico Superior do Município de Carrazeda de Ansiães



Fig. 1 Fole

(gradeamentos e portões). Embora houvesse vários ofícios a carecer do exercício das funções destas profissões, os agricultores recorriam especialmente a estes artifices pela necessidade de construção e manutenção.

2. Enquadramento do processo de recolha

Para a elaboração deste artigo, foram considerados alguns parâmetros que permitiram analisar, compreender e registar o tema.

As informações cruciais para a concretização deste trabalho não foram obtidas em circunstância isolada. As primeiras entrevistas decorreram no período de recolha da informação para a exposição permanente patente na sala dos ofícios tradicionais do Museu da Memória Rural. Nessa época, foram realizadas entrevistas e recolhas de imagens e vídeos do processo de ferrar com o ferrador Miguel Fernandes. As imagens recolhidas, nas distintas fases do processo de ferrar, foram agrupadas para permitir a elaboração do vídeo, que se encontra disponível *online* no *site*²

2. <https://museudamemoriarural.pt>

e na sala dos ofícios tradicionais da referida estrutura museológica.

Na primeira fase não foram realizados inventários absolutos de todos os objetos, nem dos elementos materiais associados à prática ofical, nem da prática da arte do saber-fazer tradicional. Atualmente, já se detêm todos os utensílios utilizados na arte de ferrar, que, entretanto, irão incorporar o novo Núcleo Museológico do Ferreiro e do Ferrador em Seixo de Ansiães.

Como forma de perceber as relações familiares e a transição do conhecimento entre elementos familiares, realizaram-se diversas visitas a todas as localidades do concelho de Carrazeda de Ansiães, com o intuito de efetuar um levantamento de todos os mestres-ferreiros e ferradores, desde o final do século XIX até à atualidade. Torna-se, também, relevante reportar a informação recolhida através de vídeo com o processo integral da prática.

3. Transmissão do ofício

Geralmente, os ferreiros e ferradores possuíam aprendizes no seu serviço, o que potenciava a aqui-



Fig. 2 Forja da família Cardoso de Pinhal do Douro

sição de competências associadas a esta profissão em idade precoce.

A arte deste ofício era, maioritariamente, adquirida entre as gerações familiares.

Foi possível constatar, na realização deste artigo, que a arte da forja remonta a uma hierarquia entre os profissionais do ofício, embora através da mesma se torne evidente a cooperação apartada de concorrência.

Além do herdo familiar na aquisição de competências práticas, era comum a delegação de sobrenomes, tendo como função a herança social e cultural, prestigiante no contexto rural da época.

Em função do referido, salienta-se, ainda, que as ferramentas utilizadas nesta arte eram, maioritariamente, adquiridas através da herança familiar, visto que o ofício também era, normalmente, assimilado neste seio.

Um exemplo do anteriormente explanado foi a constatação de que o ferrador Francisco Cardoso de Pinhal do Norte havia herdado o nome e a arte de ofício do seu avô, à semelhança do que aconteceu com o ferrador Luís Mesquita de Seixo de Ansiães e os ferreiros de Areias.

4. Forja/Oficina – utensílios de trabalho

A atividade do ofício do ferreiro e do ferrador era predominantemente realizada na forja. Espaço, geralmente, de construção térrea, ausente de luz, com pó e cinza.

Fole: objeto do século XX constituído de madeira, couro e liga de ferro. A sua utilidade prende-se com atear fogo na forja. Acionado manualmente através da alavanca. “Tocar o fole” é a expressão utilizada para trabalhar com o objeto (Fig. 1).

Forja: local onde o carvão era ventilado pelo fole. A forja possuía, num dos lados, uma pedra vertical, com um orifício no fundo, onde entrava o bico do fole. Esta tinha como utilidade de colocar o ferro para aquecer (Fig. 2).

Formão: objeto constituído de madeira e ferro, com um cabo – denominado por mãozeira – com extremidade de ferro afiado. Esta extremidade tinha como utilidade cortar os cascos dos animais (Fig. 3).

Tenazes: objeto de ferro do século XX, composto por duas hastes – mãozeiras – que abrem em cruz por intermédio de um eixo de ligação. As extremidades – boca – das hastes são em espátula e tem como função apanhar e segurar peças que vão ao fogo (Fig. 4).

Caixote do ferrador: objeto construído de madeira, com formato de caixa com mãozeira. No interior há divisões para a colocação dos utensílios associados à prática do ofício (Fig. 5).

Martelo de ferrador: objeto constituído de ferro e madeira e composto por massa de ferro com um furo designado localmente por “olho” para ingressar o cabo de madeira. Uma das extremidades é cilíndrica e a outra com forma de gancho. Tendo como funcionalidade cravar os cravos (Fig. 6).

Malho: objeto constituído de ferro e madeira e composto por massa de ferro com um furo designado localmente por “olho” para ingressar o cabo de madeira. Uma das extremidades é em superfície plana e a outra em forma de cunha. Este objeto tinha a funcionalidade de “bater o malho” (Fig. 7).

Torquês: objeto de ferro, constituído por duas hastes que abrem em cruz por intermédio de um eixo que as une. As extremidades – boca – são encurvadas para o interior e afiadas para cortar. A utilidade era servir para arrancar a ferradura e os cravos, bem como para cortar o casco do animal (Fig. 8).

Grosa: objeto de madeira e ferro, constituído por um cabo de madeira – mãozeira, com a extremidade em ferro – grossa. Servia para grosar os cascos com a ferradura, com o objetivo da boa adaptação do casco animal (Fig. 9).

Cravos: objeto de ferro constituído por quatro partes distintas: cabeça, colo, haste e ponta (Fig. 10).

Bigorna: Objeto de ferro constituído por um corpo central quadrangular e, normalmente, com extremidades de forma de cônica ou piramidal, sobre o

qual são apoiados metais para serem malhados e moldados a quente ou a frio. Assenta, normalmente, num cepo de madeira (Fig. 11 e 12).

Saca rebites: objeto de ferro de pequena dimensão, tendo como funcionalidade auxiliar na extração dos cravos das patas dos animais (Fig. 13).

Alicate de Rebitar: objeto de ferro, constituído por duas hastes que abrem em cruz por intermédio de um eixo que as une. As extremidades – boca –, uma é plana e a outra é rebitada (Fig. 14).

Faca: objeto de metal e madeira, com a função de assear os cascos dos animais (Fig. 15).

Pia: objeto de cantaria – granito – tendo como utilidade arrefecer o ferro (Fig. 16).

Craveira: objeto de ferro com 5 orifícios que servia para fazer as cabeças dos cravos e dos pregos (Fig. 17).

Talhadeira/Guilhotina: objeto de ferro, constituído por uma lâmina e uma alavanca, com a função de cortar cantoneira, barras de ferro e chapa. Esta peça está fixa na bancada de trabalho da oficina do ferreiro (Fig. 25).

Máquina/engenho de furar manual: objeto de ferro, constituído por uma base, corpo e roda. No corpo principal, destaca-se o local da broca, tendo como função furar o ferro. Na extremidade superior, possui uma roda para fazer rodar a broca através da força manual (Fig. 26).

Martelo: objeto constituído de ferro e madeira e composto por massa de ferro com um furo designado localmente por “olho” para ingressar o cabo de madeira. Uma das extremidades é cilíndrica e a outra com forma boleada. Tem como funcionalidade moldar o ferro na bigorna (Fig. 18).

Pedra de afiar: objeto de pedra para afiar o material de corte, principalmente a faca e o formão (Fig. 19).

Aziar: objeto de ferro constituído por duas hastes, que abrem por intermédio de um eixo que as liga. Tem como funcionalidade prevenir a mordedura dos animais enquanto são ferrados.

Ferradura: objeto constituído por uma barra de ferro, encurvada em forma de ferradura. Geralmente apresenta seis orifícios quadrados, simetricamente disposto na peça. Tem como funcionalidade proteger o casco dos animais (Fig. 20).

Canelos: objeto constituído por uma barra de ferro, encurvada de modo a fazer um ângulo quase reto,



Fig. 3 Formão
Fig. 4 Tenazes
Fig. 5 Caixote do ferrador
Fig. 6 Martelo de ferrador
Fig. 7 Malho
Fig. 8 Torquês

Fig. 9 Grosas
Fig. 10 Cravos
Fig. 11 Bigorna
Fig. 12 Bigorna
Fig. 13 Saca Rebites
Fig. 14 Alicate de Rebitar



Fig. 15 Faca
Fig. 16 Pia
Fig. 17 Craveira
Fig. 18 Martelo
Fig. 19 Pedra de afiar

Fig. 20 Ferraduras
Fig. 21 Canelos
Fig. 22 Tesoura
Fig. 23 Gancha fabricada pelos ferreiros de Areias
Fig. 24 Enxada de gancho fabricada pelos ferreiros de Areias



Fig. 25 Talhadeira/Guilhotina



Fig. 26 Maquina/engenho de furar manual

arrematado por uma curvatura de modo a servir de gancho. Tem como funcionalidade proteger o casco do bovino (Fig. 21).

Tesoura: objeto de ferro, constituído por duas lâminas unidas por um eixo comum. Tem como função cortar “cabelo” e peles de animais (Fig. 22).

5. Os Ferreiros

De origem remota, associa-se à localidade de Areias, lugar da União de Freguesia de Amedo e Zedes, no Concelho de Carrazeda de Ansiães, a profissão do Ferreiro.

Através da recolha de informação oral, foi possível constatar que os Ferreiros de Areias abarcaram a última década do século XIX até aos anos oitenta do século XX.

Foi possível privar com Mercês Lopes, que menciona o seu pai, João Lopes, como ferreiro, possuindo este uma forja nesta localidade “lá no cimo

do povo” (Lopes, 2012), onde recebia operários da construção da linha férrea do Tua para consertar e adquirir ferramentas.

Acredita-se que a profissão de ferreiro exista deste quando o homem aprendeu a manipular e a moldar os metais, sem grandes distinções até aos tempos atuais.

O Ferreiro foi também um dos profissionais mais solicitados na Idade Média pela necessidade de equipar os exércitos com couraças, elmos e outros dispositivos de proteção dos soldados, ou de armas, como espadas, lanças e flechas de ferro temperado de grande resistência.

A atividade do ferreiro resulta de um vasto conjunto de artigos relacionados, fundamentalmente, com a agricultura, nomeadamente as enxadas (Fig. 24), as ganchas (Fig. 23), os machados, as seitoiras, os podões, as foices, as relhas das charruas, os pregos, as brochas, noras (Fig. 28), entre outros. Pode verificar-se que esta atividade, também, produzia



Fig. 27 Mapa ilustrativo da implantação dos ferreiros e ferradores no concelho de Carrazeda de Ansiães

itens variados de pedreiros, especialmente, os picos, as picaretas, as marras e os ponteiros, assim como gradeamentos de varandas e janelas, portas e portões. Podendo, eventualmente, realizar utensílios de uso doméstico, particularmente, as grelhas, as facas, os triângulos, as tenazes e outros.

Na atualidade, os objetos produzidos não estão intimamente relacionados com os de outrora, pois pôde constatar-se, através da recolha história e oral, que as oficinais de Ferreiros foram, maioritariamente, transformadas em serralharias, assim afirma Albino Carvalho (2022) “antigamente chamava-se ferreiros, agora somos serralheiros”.

Assim sendo, tornou-se cada vez mais escasso constar na comunidade a existência do ferreiro e da sua atividade, pelo que como consequência se tornou diminuta a audição característica do estridente malhar do ferro na bigorna.

5.1. A arte de forjar o ferro

Como anteriormente invocado, as ferramentas mais utilizadas pelo ofício era o grande fole. Através deste, avivavam o fogo, ateavam e mantinham o

carvão em brasa, numa atividade constante, com o ar comprimido e posteriormente insuflado que saía do seu bico. A ação do calor fornecia ao metal um tom incandescente, tornando-o maleável.

As tenazes permitiam segurar as peças, as quais, sobre a bigorna, e com o auxílio do martelo, eram modeladas, permitindo ao profissional atribuir ao material a forma desejada.

No que diz respeito à enxada, tornava-se necessário “um ferro de três polegadas e meia de largo por dez milímetros de grosso. Depois fazíamos o olho. Depois do olho estar feito fazíamos as orelhas, que é a parte que está a seguir ao olho e depois pregávamos o aço em cima e à frente do olho e pegávamos com uns dentes de aço e carregávamos para ele não fugir. Depois metíamos à forja e começava a derreter e o ferro ficava branquinho, e quando ficava a fazer estrelinhas colocávamos areia para que o calor que tinha ia para dentro. Depois tornávamos a meter na forja, quando víamos que fazia estrelinhas fazíamos outra vez o mesmo (a isto chamávamos caldear). Depois batíamos na bigorna e estava pronta” (Samões, 2022).



Fig. 28 Nora construída pelo ferreiro Francisco Leão de Vilarinho da Castanheira

As famílias, normalmente, tinham excessivo trabalho na forja, tal como afirma “*nós, só das grandes fazíamos praí quatro enxadas por dia. Das mais pequenas fazíamos seis ou sete. Se fosse só olhos, fazíamos vinte e tal por dia. Mas levantávamo-nos às cinco da manhã e às vezes ia até às dez e meia ou onze horas*” (Samões, 2022).

Albino Carvalho ferreiro/serralheiro, afirma que quando começou a aprender: “*nós só já fazíamos portas e grades, já não nos dedicávamos às enxadas.*”

Salienta ainda que, “*para fazer um portão tínhamos que cortar o ferro todo à serra, à mão, atualmente já temos serras elétricas. De seguida fazemos as esquadrias. Depois temos que fazer os feitios ao gosto do cliente. Antes, antigamente, fazíamos os feitios à forja, aquecíamos o ferro e depois tínhamos que bater o ferro com o martelo na bigorna. Depois tínhamos que cravar, fazíamos uns furos no ferro e cravávamos com os rebites de ferro que comprávamos no André Lages. Mas atualmente já não cravamos, soldamos com uma máquina que tem uma bobine de fio por dentro de 15 kg. Já pouco utilizamos os elétrodos, só quando andamos por fora a colocar uma obra.*”

6. Ferrador

A labuta do ferrador consistia, essencialmente, na colocação de ferraduras nos cascos dos animais, cavalos, bestas e os canelos nos bois. Com frequência, recorriam, também, a este profissional para problemas



Fig. 29 Oficina do ferreiro Luís Areias de Carrazeda de Ansiães

de saúde dos animais – doenças ou partos, pelo que também exerciam funções veterinárias.

Um exemplo do supramencionado é o Senhor Luís Mesquita, isto é, para além de ferrador, (Fig. 31) descrevia-se como veterinário. Tal facto é reportado pela sua esposa “*O meu marido tirou a carta de enfermagem hípica na tropa. Ele conhecia as doenças todas, ele olhava para o animal, pegava no papel e receitava. Mas mais que isso, a parte mais interessante é que ele receitava ao telefone sem ver o animal, só pedia para lhe dizerem os sintomas que o animal tinha. Nunca lhe morreu um animal. Tudo isto veio da experiência com o gado bovino que ganhou lá em África, e também quando esteve ao serviço de veterinária em Braga*” (Moutinho, 2022).

Aquando da existência destas competências, o profissional tinha maior prestígio e estatuto social na comunidade.

O ferrador possuía aspetos comuns com o ferreiro, nomeadamente o forjar do ferro, o que podia consequenciar o acumular de funções. No entanto, como nem todos possuíam esta apetência, havia uma relação de cumplicidade entre os ofícios e trabalhadores, por forma a realizarem os trabalhos solicitados em parceria.

6.1. A arte de ferrar

Considera-se a arte de ferrar como um conjunto de competências relacionado com as ferraduras em animais. Para a concretização do ofício, tornava-se



Fig. 30 Luís Mesquita a ferrar

imperioso que após a ferradura, o profissional tivesse apetência para elaborar todo processo já anteriormente descrito.

Segundo recolha bibliográfica e investigação locais, foi possível escrutinar a linhagem de trabalho da profissão, por outras palavras, o primeiro momento da execução do ofício consistia na realização da ferradura (Fig. 20) com o acender a forja através do carvão “*íamos às Areias buscar o carvão ou íamos a Vila Flor ao Escalhão. Tem que ser um carvão pedra porque se fosse o outro carvão não aquece o ferro*” (Cardoso, 2022).

Num segundo momento, “*mete-se o ferro à forje, aquece e depois é batido na bigorna... dobro e depois faço três buracos. Depois torno meter à forje e dobro a outra parte, e depois faço mais três buracos com o ponteiro. Mas o ferro tem que estar quente porque senão, não fura. O ponteiro tenho que o passar na tempera para não esborrar*” (Cardoso, 2022).

Para tal, tornava-se necessário que a oficina possuísse uma pia de água para temperar o ferro, “*o ferro para fazermos as ferraduras íamos buscar a Mirandela à sucata. Até diziam que era dos barcos. Vinha em barras compridas, depois nós aqui cortávamos com uma talhadeira à medida para fazer as ferraduras. íamos de comboio, depois ia lá ter o meu pai à estação de cavalo para trazer o ferro*” (Cardoso, 2022).

Este profissional afirma ainda que “*enquanto dou ao fole, faço uma ferradura. o meu pai encheu-se de fazer canelos (Fig. 21) para ferrar os bois. O boi ferrava no troco, prendia-se os cornos ao ferro e com uma corda às patas*” (Cardoso, 2022).

Na atualidade, este profissional já não elabora ferraduras, adquire as mesmas e adapta-as à anatomia de cada animal. Para tal necessita da bigorna para “*batê-las*”.

Desta forma pode constatar-se que a ferragem do animal se inicia com a retirada da antiga ferradura (Fig. 55), por forma a higienizar e aparar o

casco, “*cortar os cascos*” através do utensílio. “*com a saca rebites tirasse a ferradura velha, rebita-se os cravos velhos que estão dobrados na pata do animal, bate-se com o martelo e retira-se a ferradura com a turquesa e depois corta-se os cascos. Depois meto-lhe uma turquesa para cortar o casco e com um formão ou a faca aparo o casco. Depois de tirar o casco, passo-lhe a grosa em toda a volta do casco*” (Cardoso, 2022).

De seguida, a ferradura é moldada à pata do animal, denominando-se a este processo “*atarracar a ferradura*”.

A nova ferradura é colocada e presa através dos cravos (Fig. 10), “*depois meto-lhe a ferradura, prego-lhe os cravos, depois corto-lhe os cravos e viro-lhe os cravos com o martelo e a torquesa e depois de virar os cravos ponho a pata em cima de uma tábua redonda, passo-lhe a grosa na frente para lhe fazer os bordos e grosar o casco bem grosadinho para ficar bonito*” (Cardoso, 2022).

Para a conclusão do processo, rebatiam-se e cortavam-se as pontas dos cravos que prendiam a ferradura à pata do animal. A derradeira operação consiste em “*grosar*” os cascos com a ferradura já presa, para que houvesse uma boa adaptação ao casco do animal.

Hoje em dia, existe o método de ferrar à inglesa ou ferragem a quente, que é utilizado pelos ferradores da atualidade. Este método de ferrar é semelhante ao método tradicional, à exceção da colocação da ferradura a quente no casco do animal. Neste sentido, era necessária uma forja (a carvão ou a gás) para aquecer a ferradura. Paulo Vieira, ferrador com grande experiência e formação profissional, afirma que “*coloca-se a ferradura quente no casco, faz fumo, derrete e ajusta a ferradura ao casco e também desinfeta. Atualmente já há ferraduras de mistura, de alumínio, ortopédicas e possui vários números. A bigorna é dos utensílios ainda utilizado*” (Vieira, 2022).

De revelar que a correta colocação da ferradura, além da proteção dos cacos, concerne ao animal longevidade, bem-estar e qualidade de vida. Assim sendo, a relevância das ferraduras prende-se com a ausência dos ferimentos ou danos causados aos animais. Isto é, o facto de os animais serem utilizados como fonte de trabalho e os locais serem maiorita-

riamente de cariz pouco franco, pode desencadear danos na saúde dos mesmos, pelo que se tornava imperioso prevenir. Até meados do século XX, a agricultura estava dependente da força de trabalho animal, pelo que a profissão de ferrador e ferreiro continham enorme preponderância no contexto rural.

7. Os Ferreiros e Ferradores do concelho de Carrazeda de Ansiães – A memória de um povo

Com a recolha das informações inscritas no presente artigo, pode constar-se através das fontes históricas e orais dos mestres de ofício de ferreiro e ferrador e familiares que os mesmos faziam deste ofício profissão. Deste modo, as várias entrevistas realizadas permitiram a concretização do inventário (tabela de inventariação e relação de transmissão do saber) das famílias originárias de Ferreiros e Ferradores presentes no território de Carrazeda de Ansiães, desde o início do século XX até à atualidade.

Pode ainda acrescentar-se que através dos depoimentos recolhidos, ficou perceptível a existência de uma forja, praticamente, em todas as freguesias e sede de concelho do território de Carrazeda de Ansiães. A existência desta justificava-se pela necessidade de fabrico de instrumentos de contexto agrícola.

7.1. Freguesia de Carrazeda de Ansiães

Na freguesia de Carrazeda de Ansiães, foram registados vários profissionais do ofício apresentado neste artigo.

Maria Marília Areias recorda o seu pai afirmando: “*o meu pai era ferreiro, aprendeu a arte com um senhor que foi para o Brasil, que tinha uma oficina e o meu pai foi empregado dele, mas não sei o nome dele. O meu pai era natural de Paradela e para vir para aqui [Carrazeda de Ansiães] aprender a arte com o irmão teve que vender uma junta de bois*” (Areias, 2022). Este casou em Carrazeda de Ansiães e teve dois filhos.

Iniciou a sua atividade precocemente, tal como confirmado pela filha “*ele devia de ser novo*” (Areias, 2022) e executou-a até ao final de vida, aproximadamente, no final da década de 50, “*trabalhou até à última, até aos 66 anos de idade*” (Areias, 2022).

Tabela de inventariação e relação de transmissão do saber

N.º	Identificação	Localidade	Ofício	Aprendizagem	Relações Familiares	Transmissão do Saber	Data de fim da atividade
1	João Lopes	Areias	Ferreiro		Cunhado de Cândido Pereira	Transmitiu a arte a Cândido Pereira	Década de 20
2	Cândido Pereira	Areias	Ferreiro	Saber transmitido pelo cunhado João Lopes	Cunhado de João Lopes	Transmitiu a arte aos seus filhos	Década de 50
3	Abel Cândido Pereira	Areias	Ferreiro	Saber transmitido por pai Cândido Pereira	Filho de Cândido Pereira		Década de 70
4	Eurico Pinto Pereira	Areias	Ferreiro	Saber transmitido pelo pai Cândido Pereira	Filho de Cândido Pereira		Década de 70
5	Jaime Pereira	Areias	Ferreiro	Saber transmitido pelo pai Cândido Pereira	Filho de Cândido Pereira		Década de 50
6	José Cardoso Meireles	Beira Grande	Ferreiro				Década de 30
7	Aureliano de Carvalho	Beira Grande	Ferrador				Década de 30/40
8	Alfredo Jaime Peixoto	Beira Grande	Ferrador	Saber transmitido por José Navarro de Vila Flor	Pai de Manuel Peixoto	Transmitiu a arte ao seu filho Manuel Peixoto	Década de 60
9	Manuel Peixoto	Beira Grande	Ferrador	Saber transmitido pelo pai Alfredo Peixoto e obteve formação na tropa	Filho de Manuel Peixoto		1970
10	Manuel José da Costa	Beira Grande	Ferrador	Saber transmitido pelo sogro José Meireles	Genro de José Meireles		1976
11	José dos Santos Campos	Belver	Ferreiro				Década de 40
12	Luis Almeida	Brunheda	Ferreiro				Década de 50
13	António Ferreira	Campelos	Ferreiro	Saber transmitido pelo pai	Pai de Luís António Ferreira	Transmitiu a arte ao filho Luís Ferreira	Década de 60
14	Américo dos Santos Barbosa	Carrazeda de Ansiães	Ferreiro				Década de 20
15	Alfredo Cunha	Carrazeda de Ansiães	Ferrador				Década de 30
16	Alfredo Pereira	Carrazeda de Ansiães	Ferreiro	Saber transmitido pelo pai Cândido Pereira	Filho de Cândido Pereira	Transmitiu a arte ao empregado José Pereira	Década de 70

N.º	Identificação	Localidade	Ofício	Aprendizagem	Relações Familiares	Transmissão do Saber	Data de fim da atividade
17	António Silva	Carrazeda de Ansiães	Ferreiro	Saber transmitido pelo Manuel Joaquim Gonçalves		Transmitiu a arte aos seus filhos, Jorge, Francisco, António e Ambrósio	Década de 90
18	Albino Carvalho	Carrazeda de Ansiães	Serra-lheiro/Ferreiro	Saber transmitido pelo Benjamim Sousa Fernandes de Pombal		Transmitiu a arte ao colaborador Paulo	2022 – em atividade
19	Celestino Anjos Martins	Carrazeda de Ansiães	Ferrador				Década de 50
20	Durval Carvalho	Carrazeda de Ansiães	Ferreiro	Saber transmitido pelo pai Frederico Carvalho	Filho de Frederico Carvalho		2021
21	Eduardo Augusto da Silva	Carrazeda de Ansiães	Ferrador				Década de 40
22	Francisco Gonçalves Pereira	Carrazeda de Ansiães	Ferrador				Década de 30
23	Frederico Carvalho	Carrazeda de Ansiães	Ferrador	Saber transmitido pelo Luís Ferreira e Luís Cruz Areias	Pai de Durval de Carvalho	Transmitiu a arte ao seu filho Duval	1997
24	João Mesquita Sampaio	Carrazeda de Ansiães	Ferrador				Década de 30
25	José Luís Soares	Carrazeda de Ansiães	Ferreiro				Década de 30
26	Júlio Cardoso de Sousa	Carrazeda de Ansiães	Ferrador				Década de 60
27	Luis Cruz Areias	Carrazeda de Ansiães	Ferreiro	Saber transmitido pelo seu patrão		Transmitiu a arte ao seu filho António Areias e ao Frederico de Carvalho	1958/59
28	Manuel Coelho	Carrazeda de Ansiães	Ferrador	Saber transmitido pelo pai	Filho de Henrique dos Santos – Ferrador de Candoso	Transmitiu a arte ao seu filho	Década de 80
29	Miguel Fernandes	Carrazeda de Ansiães	Ferrador	Formação Profissional			2022 – em atividade
30	Manuel dos Santos Coelho	Carrazeda de Ansiães	Ferrador	Saber transmitido pelo pai Manuel	Filho de Manuel		2022 – em atividade
31	António Cardoso	Castanheiro	Ferrador				Década de 30
32	Altino Samões	Castanheiro	Ferreiro	Saber transmitido pelo Pai Marcolino Augusto Samões de Tralhariz	Filho de Marcolino Augusto Samões		1987

N.º	Identificação	Localidade	Ofício	Aprendizagem	Relações Familiares	Transmissão do Saber	Data de fim da atividade
33	Manuel	Castanheiro	Ferrador				Década de 50
34	Manuel Joaquim Gonçalves	Codeçais	Ferreiro	Saber transmitido pelo Luís Ferreira		Transmitiu a arte ao António Silva	Década 70
35	António Ferreira	Codeçais	Ferreiro	Saber transmitido pelo sogro António Silva	Genro de António Silva		2022 - em atividade
36	António Carlos Mesquita	Fontelonga	Ferrador	Saber transmitido pelo pai José Carlos Mesquita	Filho de José Carlos Mesquita e irmão Carlos Augusto Mesquita	Transmitiu a arte ao filho António Joaquim Mesquita	Década de 40
37	António Joaquim Mesquita	Fontelonga	Ferrador	Saber transmitido pelo pai António Carlos Mesquita	Filho de António Carlos Mesquita, neto de José Carlos Mesquita, sobrinho de Carlos Augusto Mesquita e primo de Luís Mesquita	Transmitiu a arte ao sobrinho Ernesto Vieira	2004
38	Luís António Ferreira	Lavandeira	Ferreiro	Saber transmitido pelo pai	Irmão do António Ferreira	Transmitiu a arte ao Frederico de Carvalho de Carrazeda de Ansiães, Manuel Gonçalves de Codeçais e Marcolino Samões de Tralhariz	1974/75
39	António Matias	Linhares	Ferreiro				Década de 20
40	António Júlio Botelho	Linhares	Ferreiro				Década de 30
41	António Luís de Carvalho	Linhares	Ferreiro				Década de 30
42	António Augusto Meireles	Linhares	Ferrador				Década de 60
43	Celestino dos Anjos Martins	Linhares	Ferrador				Década de 30
44	Francisco Armando Peixoto	Linhares	Ferrador				Década de 30
45	Frederico Peixoto	Linhares	Ferrador				Década de 30
46	João dos Santos	Linhares	Ferrador				Década de 30
47	José Henriques	Linhares	Ferreiro				Década de 30
48	António dos Santos	Marzagão	Ferrador	Sr. Martinho - Se-dielos - Mesão Frio		Transmitiu a arte ao Filho Manuel António dos Santos	1960

N.º	Identificação	Localidade	Ofício	Aprendizagem	Relações Familiares	Transmissão do Saber	Data de fim da atividade
49	Luís Pereira	Misquel	Ferreiro				Década de 40
50	António Pinto	Mogo de Malta	Ferreiro				1950
51	Marcelino Oliveira	Mogo de Malta	Ferrador	Saber transmitido pelo António de Valtorno			2014
52	Emídio Augusto Carvalho	Parambos - S. Pedro	Ferrador				Década de 60
53	Jaime Austo Cardoso	Parambos	Ferrador				1954
54	João de Carvalho	Parambos - S. Pedro	Ferrador				Década de 60
55	António Lino de Castro	Pinhal do Norte	Ferreiro				Década de 30
56	Francisco Cardoso	Pinhal do Norte	Ferrador	Saber transmitido pelo pai	Pai de João Maria Cardoso, avô de Francisco Cardoso e José Ilídio Cardoso	Transmitiu a arte ao filho João Maria Cardoso	Década de 50
57	João Maria Cardoso	Pinhal do Norte	Ferrador	Saber transmitido pelo pai Francisco Cardoso	Filho de Francisco Cardoso, e pai de José Ilídio Cardoso e Francisco Cardoso	Transmitiu a arte aos filhos José Ilídio Cardoso e Francisco Cardoso	Década de 70
58	José Ilídio Cardoso	Pinhal do Norte	Ferrador	Saber transmitido pelo pai José Maria Cardoso	Filho de João Maria Cardoso, neto de Francisco Cardoso e irmão de Francisco Cardoso		Década de 80
59	Francisco Cardoso	Pinhal do Norte	Ferrador	Saber transmitido pelo pai José Maria Cardoso	Filho de João Maria Cardoso, neto de Francisco Cardoso e irmão de José Ilídio Cardoso		2022 - em atividade
60	Alberto Fernandes	Pombal	Ferrador	Autodidata			2019
61	João António Baltasar	Pombal	Ferreiro/Serralheiro	Centro de Formação Profissional no Porto		Transmitiu a arte ao filho João	2014
62	Benjamim Francisco Sousa Fernandes	Pombal	Ferreiro e Ferrador	Autodidata		Transmitiu a arte ao Albino serralheiro em Carrazeda de Ansiães	1996

N.º	Identificação	Localidade	Ofício	Aprendizagem	Relações Familiares	Transmissão do Saber	Data de fim da atividade
63	Manuel Alberto Gonçalves	Pombal	Ferrador				Década de 50
64	Mário Lopes	Pombal	Ferreiro	Saber transmitido pelo António Ferreira – Campelos			Década de 60
65	José Manuel Prazeres	Ribalonga	Ferreiro				Década de 40
66	José Maria Costa	Ribalonga	Ferrador				1970
67	José Maria de Sá	Ribalonga	Ferreiro	Saber transmitido pelo pai Sebastião José de Sá	Filho de Sebastião José de Sá	Transmitiu a arte ao filho Alfredo de Sá	1965
68	Luis Manuel Ferreira	Ribalonga	Ferreiro				1950
69	Sebastião José de Sá	Ribalonga	Ferreiro	Saber transmitido pelo pai	Pai de José Maria de Sá	Transmitiu a arte ao filho José Maria de Sá	Década de 40
70	Carlos Augusto Mesquita	Seixo de Ansiães	Ferrador	Saber transmitido pelo pai José Carlos Mesquita	Filho de José Carlos Mesquita, irmão de António Carlos Mesquita e pai de Luís Carlos Mesquita	Transmitiu a arte ao filho Luís Carlos Mesquita	Década de 60
71	Fabício Gualter Caleiro	Seixo de Ansiães	Ferrador	Saber transmitido pelo Francisco Caleiro	Sobrinho de Francisco Caleiro		1965
72	Francisco Joaquim Caleiro	Seixo de Ansiães	Ferrador		Tio de Fabício Caleiro	Transmitiu a arte a Fabício Caleiro	Década de 30
73	José Carlos Mesquita	Seixo de Ansiães	Ferrador		Pai de António Carlos Mesquita e Carlos Augusto Mesquita, avô de Luís Carlos Mesquita	Transmitiu a arte aos filhos António Carlos Mesquita e Carlos Augusto Mesquita,	1940
74	Luis António Trigo	Seixo de Ansiães	Ferrador				Década de 40
75	Luis Carlos Mesquita	Seixo de Ansiães	Ferrador	Saber transmitido pelo pai Carlos Augusto Mesquita	Filho de Carlos Augusto Mesquita, sobrinho de António Carlos Mesquita, neto de José Carlos Mesquita e primo de António Joaquim Mesquita		2010

N.º	Identificação	Localidade	Ofício	Aprendizagem	Relações Familiares	Transmissão do Saber	Data de fim da atividade
76	Manuel Fonseca	Seixo de Ansiães	Ferreiro/Serralheiro	Saber transmitido pelo seu pai			2015
77	Marcolino Augusto Samões	Tralhariz	Ferreiro	Saber transmitido pelo Luís António Ferreira de Lavan-deira	Pai de Bernardo Samões, Alcino Samões e Altino Samões	Transmitiu a arte aos filhos Bernardo Samões, Alcino Samões e Altino Samões	1978/79
78	Alfredo Morais de Carvalho	Vilarinho da Castanheira	Ferrador				Década de 20
79	Alfredo Ginjeira	Vilarinho da Castanheira	Ferrador	Saber transmitido pelo pai Horácio dos Santos Ginjeira	Filho de Horácio dos Santos Ginjeira e neto de Manuel Francisco Ginjeira		2022 – em atividade
80	Américo dos Santos Barbosa	Vilarinho da Castanheira	Ferreiro				Década de 20
81	Aníbal dos Santos	Vilarinho da Castanheira	Ferrador	Saber transmitido pelo pai			1965
82	António Júlio Lousão	Vilarinho da Castanheira	Ferreiro				1929
83	Francisco António Leão	Vilarinho da Castanheira	Ferreiro	Saber transmitido na cidade do Porto			Década de 50
84	Francisco Gonçalves Pereira	Vilarinho da Castanheira	Ferrador				Década de 30
85	Guilherme Augusto Carvalho	Vilarinho da Castanheira	Ferrador	Saber transmitido pelo Alfredo Morais de Carvalho			Década de 30
86	Horácio dos Santos Ginjeira	Vilarinho da Castanheira	Ferrador	Saber transmitido pelo pai Manuel Francisco Ginjeira	Pai de Alfredo Ginjeira e filho de Manuel Ginjeira	Transmitiu a arte ao filho Alfredo Ginjeira	1979
87	João António de Carvalho	Vilarinho da Castanheira	Ferrador				Década de 70
88	Manuel Francisco Ginjeira	Vilarinho da Castanheira	Ferrador	Saber transmitido pelo pai	Pai de Horácio dos Santos Ginjeira e avô de Alfredo Ginjeira	Transmitiu a arte ao filho Horácio dos Santos Ginjeira	Década de 40
89	Onofre Augusto Barbosa	Vilarinho da Castanheira	Ferreiro				Década de 20
90	João “Velho”	Zedes	Serralheiro/Ferreiro	Saber transmitido por amigos em Espanha	Pai de Jaime e Tiago	Transmitiu a arte aos seus filhos Tiago e Jaime	2022 – em atividade

Realizou várias obras de ferro, “*fez o gradeamento da praça em frente da Câmara, fez as portas do celeiro, fez também as portas do grémio. O meu pai trabalhou sempre mais caro que os outros, mas tinha sempre serviço. As obras grandes eram todas dele. Também compunha coronhas de armas*” (Areias, 2022). No que diz respeito à matéria-prima para a execução do ofício “*comprava o ferro no Porto na rua da Almada. Depois do Tua para cima era o meu Tio Abílio que trazia na camioneta.*” Pode, ainda, constatar-se que transmitiu a arte de ferreiro “*ao meu irmão António, ao Federico* (Fig. 32) e o Senhor Horácio. Depois o Federico montou uma oficina para ele”.

José Miguel Lima (2022) recorda outros mestre de ofício “*eu ainda me lembro muito bem do Senhor Alfredo* (Fig. 33) *das Areias, que era ferreiro e tinha a forja no Toural; Lembro-me do Senhor Júlio* (Fig. 34), *mais conhecido por Júlio Ferrador e do pai da Quininha ferradora* (João Mesquita Sampaio). *Estas pessoas ainda são do meu tempo*”.

7.2. Freguesia da Fontelonga

Na aldeia de Fontelonga, apenas há memória do ferrador António Carlos Mesquita e do seu filho António Joaquim Mesquita. Esta família de ferradores é descendente dos ferradores de Seixo de Ansiães.

António Carlos Mesquita era filho de José Carlos Mesquita de Seixo de Ansiães, casado com Adelaide Teixeira e pai de sete filhos. Só apenas um filho, António Joaquim Mesquita, seguiu a arte de ferrar.

António Joaquim Mesquita (Fig. 31) aprendeu a arte de ferrar com o Senhor António, da localidade de Valtorno, e exerceu a arte até 2004, ano em que faleceu.

7.3. Freguesia de Linhares

Na aldeia de Linhares, foi possível apurar, através dos registos do arquivo Municipal e da população local, que ao longo dos últimos 100 anos houve dez mestres de ofício da arte de ferreiros e ferradores. Pelos registos orais recolhidos, evidencia-se que a maior parte da população local não recorda o ferreiro António Matias e José Henriques. Porém, lembram António Luís de Carvalho, “*ele era ferreiro e ainda estava lá para a África*” (Alves, 2022) e António Botelho.

No que diz respeito aos ferradores, pôde constatar-se que há memória local de António Augusto Meireles, conhecido localmente por “panão”, contudo não tem, atualmente, família de origem ou alargada nesta localidade.

Relativamente à aldeia de Campelos, pertencente à freguesia de Linhares, houve um ferreiro, António Ferreira (Fig. 35), que transmitiu a arte aos elementos da sua família, bem como a alguns elementos da localidade de Tralhariz.

7.4. Freguesia de Marzagão

Na freguesia de Marzagão, apenas se destaca António dos Santos (Fig. 36), ferrador, casado e pai de oito filhos, que viveu na aldeia de Marzagão até 1960.

Na entrevista realizada ao filho Manuel António dos Santos (2022), apurou-se que “*aprendeu a arte de ferrador em Sedielos, concelho de Mesão Frio com o mestre Senhor Martinho. Esteve em Portugal a exercer a profissão desde 1931/32 até 1956, data em que foi para o Brasil, mas no Brasil também exerceu a função de ferrador uns tempos. Eu comecei a trabalhar desde os sete anos a ajudar o meu pai a fazer ferraduras e canelos. Ele ferrava os cavalos e os bois, e também sangrava os bois.*”

Além de ferrador, também “*aguçava picaretas e ferros. Na altura em que abriram a estrada da ponte da Veiga para Marzagão era ele que aguçava a ferramenta na forja*” (Santos, 2022).

7.5. Freguesia de Parambos

Na freguesia de Parambos, Jaime Augusto Cardoso (Fig. 37), ferrador, casado e pai de nove filhos. Na entrevista realizada a um dos filhos, Luís Cardoso, foi possível apurar que “*o meu pai era ferrador e teve nove filhos, mas só cinco é que vingaram*” (Cardoso, 2022).

Não há evidências acerca da aprendizagem do ofício, contudo o filho reporta que “*deve ter sido uma profissão que ele viu que era viável porque o meu avô não era ferrador. Também não sei quando começou a trabalhar, porque eu só vi o meu pai aos 19 anos, foi quando veio do Brasil. Ele foi lá trabalhar como ferrador*” (Cardoso, 2022). Em Portugal trabalhou até 1954, data em que foi para o Brasil.

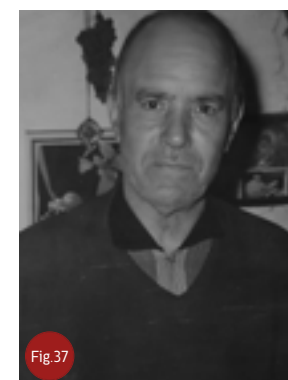


Fig. 31 António Joaquim Mesquita a ferrar

Fig. 32 Frederico Carvalho na sua oficina

Fig. 33 Alfredo Pereira – Ferreiro, Carrazeda de Ansiães

Fig. 34 Júlio Cardoso de Sousa – Ferrador, Carrazeda de Ansiães

Fig. 35 António Ferreira – Ferreiro, Campelos

Fig. 36 António dos Santos – Ferrador

Fig. 37 Jaime Cardoso – Ferrador, Parambos

Fig. 38 Luís Pereira – Ferreiro, Misquel

Fig. 39 António Silva – Ferreiro, Carrazeda de Ansiães

Fig. 40 Francisco Cardoso – Ferrador, Pinhal do Norte

Fig. 41 Benjamim Fernandes – Ferreiro e Ferrador, Pombal

Fig. 42 Albino Carvalho – Serralheiro, Carrazeda de Ansiães



Fig.43



Fig.44



Fig.45

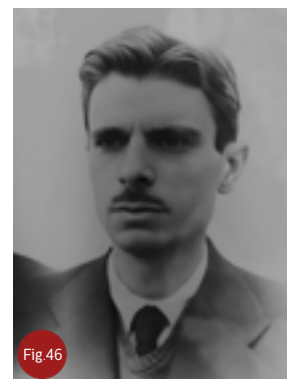


Fig.46



Fig.47

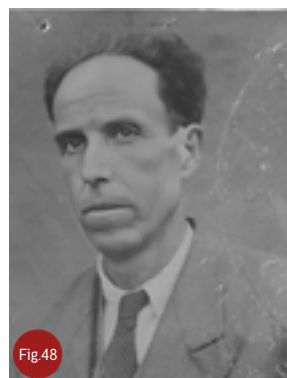


Fig.48



Fig.49



Fig.50



Fig.51



Fig.52



Fig.53



Fig.54

Fig. 43 Carlos Augusto Mesquita – Ferrador, Seixo de Ansiães
 Fig. 44 Luís Mesquita – Ferrador, Seixo de Ansiães
 Fig. 45 Marcelino Oliveira – Ferrador, Mogo de Malta
 Fig. 46 José Maria de Sá – Ferreiro, Ribalonga
 Fig. 47 Luís Ferreira – Ferreiro, Ribalonga
 Fig. 48 José Maria Costa – Ferrador, Ribalonga

Fig. 49 Marcolino Samões – Ferreiro, Tralhariz
 Fig. 50 Luís Ferreira – Ferreiro, Lavandeira
 Fig. 51 Manuel José da Costa – Ferrador, Beira Grande
 Fig. 52 Horácio dos Santos Ginjeira – Ferrador, Vilarinho da Castanheira
 Fig. 53 Guilhermino A. Carvalho – Ferrador, Vilarinho da castanheira
 Fig. 54 João António de Carvalho – Ferrador, Vilarinho da Castanheira

“O meu pai para além de ferrar também afiava os ferros na forja e era o médico dos animais, ele tinha livros que tinha descrito como devia fazer operações” (Cardoso, 2022).

Em princípio, Jaime Cardoso pode não ter transmitido o ofício, isto é, “quando o meu pai veio para a aldeia já cá estava o Emídio Carvalho e o João que eram um ferrador de Vila Flor e viviam na casa do ferrador em S. Pedro.”

Relativamente ao ferreiro, conseguiu-se concluir a existência de um na localidade de Misquel, pertencente à Freguesia de Parambos. Contudo, a população local possui memória remota relativa a Luís Pereira (Fig. 42). A sua filha, perpetua na memória o seguinte: “o meu pai dizia que quando andava na tropa que fez umas grades para o Castelo de Bragança” (filha, 2022).

7.6. Freguesia de Pereiros

Na freguesia de Pereiros, na aldeia de Codeçais, existe memória de apenas dois ferreiros.

Manuel Joaquim Gonçalves, casado e pai de cinco filhos. A sobrinha-neta, Margarida Pereira (2022), afirma que “aprendeu a arte de ferreiro com um Senhor da Lavandeira, chamado Luís Ferreira, que por sinal esse senhor também tinha uma filha chamada Marília. Começou a trabalhar pouco antes de se casar, pr’ái há 77 anos e trabalhou pr’ái até depois do 25 de Abril, 76/77.”

Foi possível constatar que Manuel Joaquim Gonçalves transmitiu a arte a dois sobrinhos e a um residente da freguesia. No que diz respeito ao Vicente e Celestino, embora tenham adquirido competências, não exerceram funções neste ofício. Já o mesmo não aconteceu com António Silva (Fig. 39) que era natural de Carrazeda de Ansiães, construiu uma oficina na sua própria terra, no local denominada por “cabeça de ferro”. “O ferro vinha de comboio. iam buscar o ferro num cavalo, punham umas engarelas no cavalo e aquele ferro que era comprido amarravam nas engarelas e vinha arrastar. Eles tinham um cavalo que servia para o campo porque também tinham agricultura de subsistência” (Pereira, 2022).

Margarida Pereira (2022) afirma que “Manuel Gonçalves era um bom profissional e possuía contraste para marcar as suas obras”.

7.7. Freguesia de Pinhal do Norte

Na freguesia de Pinhal do Norte, destaca-se a família de ferradores – os Cardoso. Francisco Cardoso (Fig. 40) é o atual ferrador da localidade e aprendeu a arte com o seu pai João Maria Cardoso. Este último adquiriu com o seu pai que também era ferrador. Pode, deste modo, constatar-se que o ofício teve aprendizagem e continuidade geracional.

“Eu aprendi com o meu pai, João Maria Cardoso, e o meu pai aprendeu com o pai dele que era meu avô. E se calhar o meu avô aprendeu com o meu visavô. Nós íamos buscar o Ferro a Mirandela à sucata e depois, nós aqui com uma talhadeira cortávamos à medida para fazer as ferraduras” (Cardoso, 2022).

Para transportar o ferro, “íamos de comboio e depois ia lá ter o meu pai à estação com o cavalo para trazermos o ferro. O meu pai fazia canelos e ferrava os bois no tronco. Todos os meus irmãos também sabiam ferrar, só que depois saíram e foram governar a vida para outro lado, só cá fiquei eu. Os meus filhos não querem e também já não vale a pena, já não há cria” (Cardoso, 2022).

7.8. Freguesia do Pombal

Na Aldeia de Pombal, pôde inventariar-se seis mestres-ferreiros e ferradores. Benjamin Fernandes (Fig. 41), tanto ferrador como ferreiro, casado e com sete filhos.

O irmão de Benjamin, afirma “ele era muito curioso, era ferreiro e foi ferrador” (Fernandes, 2022).

O mestre de ofício supramencionado emigrou para Angola e posteriormente para o Brasil, regressando à sua localidade em 1977.

“Ao estabelecer-se em Pombal de Ansiães com oficina de serralharia civil, como é mencionado anteriormente, (era um engenhoso a moldar ferro manualmente) fê-lo com a experiência acumulada em Angola, ex-colônia portuguesa onde, por força dos trabalhos em grandes áreas de criação de gado, havia de experienciar também a prática de ‘ferrador e capador’, atividade que desde o regresso do Brasil para Pombal, o fez neste concelho principalmente neste concelho, com eficácia e grande prática até ao seu falecimento” (Fernandes, 2022). Transmitiu a arte à população local, nomeadamente a Albino



Fig. 55 Descravar a ferradura (Fotografia: Leonel de Castro)

de Carvalho (Fig.42), que constituiu uma oficina de serralharia em Carrazeda de Ansiães.

7.9. Freguesia do Seixo

Na Localidade e Freguesia de Seixo de Ansiães, pode destacar-se a família Mesquita. A atividade foi iniciada por José Carlos Mesquita que cessou em 1940.

“Ele não era de cá, ele veio trabalhar para cá, ele era de Linhares e casou cá com a Maria Cândida. Teve o António, que era ferrador na Fontelonga, mas foi ferrador poucos anos porque morreu novo, era o Luís, o Carlos Augusto, a Ilda Mesquita e a Maria Adelaide Mesquita. Trabalhou até aos seus 70 anos, porque trabalhava ele e o meu sogro (Carlos Mesquita)” (Moutinho, 2022).

Carlos Augusto Mesquita (Fig. 43) era casado e tinha três filhos. A esposa do último ferrador da família Mesquita afirma *“o meu marido tirou a carta de enfermagem hípica e aprendeu a ferrar à inglesa”* (Moutinho, 2022).

Consta que além de ferrador, o Luís Carlos Mesquita (Fig. 44) era veterinário pelo cuidado à saúde física do animal, nomeadamente pela prescrição de tratamentos aos animais, *“uns dias antes de ele morrer chegou cá um senhor que era da Fontelonga,*

e disse assim: ó senhor Luís, eu venho lhe pedir um favor! Olhe um primo meu tem lá um burro muito mal, e não há quem lhe faça nada. O senhor ainda podia lá ir? E o meu marido disse: diga lá, viu os sintomas do animal? O burro não come, não bebe, está assim muito caidinho, não se levanta. Logo, o meu marido pegou num papel qualquer e receitou. Pronto, agora vá à farmácia e dê este tratamento. O homem lá levou aquilo e passado oito dias veio cá outra vez. Oh, senhor Luís! E diz o meu marido: então o que é que diz! Venho-lhe dizer que o burrinho já está bom. Ele não viu o burro, mas sabia, era muita experiência da vida.

O meu marido trabalhou até 2010, mas já pouco. Ninguém aprendeu a arte com o meu marido” (Moutinho, 2022).

Os restantes ferradores, Francisco Caleiro, Luís Trigo e Fabrício Caleiro, são desconhecidos ou em memória remota da população *“eu só conheci o Fabrício, já não conheci mais ninguém, já não é do meu tempo porque eu nasci em 1934”* (Santos, 2022). Isaura Moutinho relembra que o Fabrício, *“esse foi ferrador, mas foi pouco tempo, pouco tempinho. Era de Vila Flor, mas umas tias deles é que casou cá, e depois eles vinham cá ver a tia. Esse tal Fabrício ainda trabalhou pouco tempo lá baixo num palheiro no fundo do povo. Ele depois saiu daqui e foi para o*



Fig. 56 Oficina de serralharia de Albino em Carrazeda de Ansiães

Brasil. Ele trabalhou aqui praí um anito. Não ficaram cá porque os ferradores antigos tiravam os fregueses.”

7.10. União de Freguesia de Amedo e Zedes

Areias é uma localidade pertencente à União de Freguesias de Freguesia de Amedo e Zedes, conhecida no Concelho pela “terra de ferreiros”. Consta que o promotor da atividade foi João Lopes, mestre-ferrador, casado e com quatro filhos. Um destes, do sexo masculino, foi proprietário de uma forja, no centro da localidade supra-identificada, onde exerceu desde o final do século XIX até ao final da década dez do século XX.

Além do referido, Cândido Pereira, patriarca da família “Ferreiros de Areias”, casado e com treze filhos. Este adquiriu a arte com João Lopes e construiu a sua oficina de ferreiro. Nesta oficina, também os seus filhos exerciam a prática, tal como refere (Lage, 2021:16) *“foi o meu avô Cândido, homem muito sóbrio, de poucas falas mas bastante efetuoso que fundou a forja de que ainda hoje restam vestígios.”*

Para além do referido, a maior parte dos filhos, foi obtendo a prática do ofício, o que comprova o anteriormente referido aquando mencionada a delegação da profissão entre gerações familiares.

7.11. União de Freguesia de Belver e Mogo de Malta

Marcelino Oliveira (Fig. 45) foi o único ferrador da aldeia de Mogo de Malta, localidade pertencente à União de Freguesias de Belver e Mogo de Malta. Este tem atualmente 81 anos, é casado e com três filhos.

Conheceu o ofício com “António de Valtorno” *“estive lá um ano e meio e nunca me deu um cêntimo”* (Oliveira, 2022); *“Eu estive 10 anos que aos domingos saía às 8 horas e regressava de noite. Eu fazia só este circuito, ia daqui ao Mourão, Valtorno, Carvalhos de Egas, Candoso e vinha para casa”* (Oliveira, 2022).

Iniciou atividade na década de 60 do século XX e cessou a mesma em 2014, *“eu comecei talvez em 1958, depois fui para a tropa, depois emigrei para a Alemanha, então quando eu comecei a exercer a arte foi em 1965, quando regresssei de vez”* (Oliveira, 2022). Acrescenta ainda que na sua profissão apenas ferrou *“uma vez os bois ao Tio João Garcias, porque aqui na aldeia havia dois troncos”* (Oliveira, 2022).

7.12. União de Freguesia da Castanheiro e Ribalonga

Sebastião José de Sá, natural de Ribalonga, ferreiro de profissão e pai de quatro filhos. Segundo a neta de Sebastião José de Sá *“o meu pai José Maria de Sá (Fig. 46) também foi ferreiro e aprendeu com o*

meu avô e morreu com 40 anos, em 1965. Também teve quatro filhos, Alfredo de Sá, Maria Isabel de Sá, Maria Adelaide de Sá e Maria Antónia Sá. O meu pai foi o último ferreiro cá da aldeia porque o meu irmão morreu muito cedo” (Sá, 2022).

José Manuel Prazeres, pai de um filho e avô de dois netos. “o meu avô foi ferreiro, mas já não me lembro de ele trabalhar. Mas também havia cá outro ferreiro, que era o Senhor Luís Ferreira (Fig. 51)” (Prazeres, 2022).

José Maria Costa (Fig. 48), ferrador de profissão, casado e sem filhos. “O meu tio era daqui de Ribalonga, mas não sei com quem aprendeu a ferrar. Ele também aguçava ferros.” Exerceu a arte de ferrador até falecer, ano de 1970.

Marcolino Augusto Samões (Fig. 49), natural de Tralhariz, era o patriarca de uma família de ferreiros, que moldavam na forja utensílios para a agricultura. “O meu pai trabalhou desde que saiu da tropa até praticamente desde que faleceu. Ele aprendeu com o Senhor da Lavandeira. Trabalhou até falecer em 1985, tinha 71 anos” (Samões, 2022). Transmitiu a arte aos seus filhos, Bernardo Samões, Alcino Samões e Altino Samões, que construiu uma oficina no Castanheiro do Norte. A matéria-prima para exercer a arte de ferreiro era comprada no Porto, tal como afirma o seu filho, “ia lá eu muitas vezes de comboio comprar ao Porto, na rua da Almada, na casa do Senhor José Francisco Magalhães, que era da Fontelonga. Fazíamos a encomenda e despachavam para o Tua e depois trazíamos a pé até Tralhariz. Não tínhamos animais nem carroça” (Samões, 2022).

7.13. União de Freguesia de Lavandeira, Beira Grande e Selores

Na aldeia de Lavandeira pertencente à União de Freguesia de Lavandeira, Beira Grande e Selores, existe memória de apenas um ferreiro.

Luís António Ferreira (Fig. 50), natural de Campelos e pai de quatro filhos.

Segundo uma filha, “nasceu na era, em 1900 e faleceu em 1975. Ele sempre trabalhou até morrer. Passei lá muitos dias em novata a tocar o fole e ajudei muito, ainda hoje sei como se faz uma enxada. Antigamente, quando eu era criança, não era tantos portões, era mais enxadas, relhas, charruas, fazia

tudo. Naquele tempo não era nada soldado, era tudo cravado” (Ferreira, 2022).

Este ferreiro aprendeu o ofício com o seu pai, em Campelos. Posteriormente instruiu duas pessoas, Frederico de Carvalho, natural de Carrazeda de Ansiães, e Manuel Gonçalves, natural de Codeçais.

No que diz respeito à aldeia de Beira Grande, pertencente à União de Freguesia de Lavandeira, Beira Grande e Selores, que é próxima das quintas do Douro e onde a necessidade de trabalho animal era acrescida, os ferradores tornavam-se fundamentais. Alfredo Peixoto e o seu filho Manuel Peixoto eram os ferradores da localidade supramencionada.

Manuel Peixoto (2022) recorda “o meu pai trabalhou até 1968 e aprendeu com Navarro que era de Vila Flor. O meu pai era natural de Vila For e iniciou o ofício por volta de 1947. A matéria-prima era comprada em Carrazeda de Ansiães, na casa Zé Conto. O meu pai ainda chegou a fazer cravos, mas mais tarde aparece o cravo espanhol que não enferrujava e mais tarde comprava as ferraduras já feitas.”

Este conheceu a arte com o seu pai Alfredo, embora posteriormente se tenha especializado, “eu também tirei a carta de ferrador à portuguesa e à inglesa e tirei o diploma de enfermeiro veterinário” (Peixoto, 2022).

Além do profissional acima descrito, também Manuel José da Costa (Fig. 51), ferrador, natural desta freguesia, e pai de dois filhos conheceu a arte de ferrar em contexto familiar, nomeadamente com o sogro José Meireles, que era ferreiro. Manuel J. Costa trabalhou até 1976, ano em que faleceu.

7.14. Freguesia de Vilarinho da Castanheira

Na freguesia de Vilarinho da Castanheira destacam-se doze mestres-ferreiros e ferradores, ao longo da recolha histórica e oral.

Nem todos são recordados na memória comunitária, porém a família Ginjeira ainda é salientada pelo ofício de ferradores. Consta que no início do século XX os Ginjeiras eram ferradores, tal profissão foi iniciada por Manuel Francisco Ginjeira, adquirida, posteriormente, pelo seu filho Horácio dos Santos Ginjeira (Fig. 52) e mais tarde pelo seu neto Alfredo Ginjeira. Artur dos Santos, aos 83 anos, “eu ainda me



Fig. 57 Livro *O Tesouro do Serralheiro*

lembro do Manuel Ginjeira, que era o pai do Horácio e avô do Alfredo” (Santos, 2022).

Guilhermino Augusto Carvalho aprendeu a arte de ferrar com Alfredo Morais de Carvalho. Segundo o genro de Guilhermino Carvalho (Fig. 53), “o meu sogro foi ferrador, chamava-se Guilhermino Carvalho e ainda ferrou por aqui bastante, mas depois foi para a França. Mas mesmo no passaporte está como ferrador. O ferro trazia às costas de Carrazeda” (Santos, 2022).

Na aldeia ainda é recordado o ferrador João António de Carvalho (Fig. 54), que exerceu o ofício na década de 60 e 70. Este era também reconhecido como músico na banda filarmónica local.

8. Conclusão

O presente artigo figura-se na recolha dos ferreiros e ferradores do território de Carrazeda de Ansiães, para a recolha de memória no âmbito dos trabalhos do Museu da Memória Rural para o Núcleo Muse-

ológico do Ferreiro e do Ferrador. Centra-se num estudo de caso, de natureza histórica, memorialística e não socioeconómica.

Considerou-se que este tema, poderia torna-se imperiosa e iminente para o património cultural, tantas vezes deslembado e desconhecido.

Estando este ofício em supressão, urge a necessidade de efetivar recolhas de vivências, experiências, perceções ancestrais e memórias por forma a construir um repositório.

Ao longo deste trabalho, foram favorecidas as fontes orais³, recolhendo vários testemunhos que permitiram mencionar o processo do ofício tradicional, numa abordagem diacrónica que recua do presente ao passado. Desta forma, o artigo explana o início de um percurso que se pretende viabilizar, através da salvaguarda desta arte.

De salientar que o artigo não é só composto pelo conjunto de registos fotográficos, vídeo e som mas

³ Entrevistas realizadas nos meses de setembro e outubro de 2022

também pela investigação resultante na elaboração do quadro, que aclara a delegação de competências, entre os detentores de saber, em contexto familiar e a transmissão de conhecimentos entre os membros da comunidade. Este quadro permitiu constatar que a partir da década de oitenta, a transmissão do saber entre os membros da família é praticamente interrompida e que os descendentes dos mestres de ofício já não eram detentores nem motivados para o conhecimento do ofício.

Agradecimentos

Artur dos Santos, António Lopes, Altino Prazeres, Alberto Fernandes, Bernardo Samões, Carlos Fernandes, Celeste Pereira, Christian Moutinho, Diana Canelhas, Francisco Cardoso, Isaura Moutinho, José Lima, José Afonso, Luís Mesquita, Luís Rui Cardoso, Maria de Sá, Marília Ferreira, Marcelino Oliveira, Margarida Pereira, Marília Areias, Maria Antónia Sá, Manuel dos Santos, Manuel Terreiro, Manuel Peixoto, Maria Amélia Cardoso, Nelson Lopes, Otilia Lages, Patrícia Preto Gomes, Ricardo Saavedra, Tânia Fonseca, Utentes do Centro de Dia de Linhares, Vítor Leão, Paulo Vieira.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, João Luís (2002) *Pré-história de Portugal*. Editorial Verbo.
CUSTÓDIO, Jorge; CAMPOS, Nelson (coord.) (2002) Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. *Centro de Interpretação Estudos Catálogos – Volume I*. Torre de Moncorvo, Museu do Ferro e da Região de Moncorvo.
LAGE, Maria Otilia Pereira (2021) “A Arte da Forja e os Ferreiros de Areias: Memórias, Testemunhos, Fontes”, *Revista Memória Rural*, nº4, Carrazeda de Ansiães, 9-34.
LUIMÊME, Charles (1907) *O Tesouro do Serralheiro*. Porto: Livraria Portuense de Lopes & C.ª Editores
LIMA, Fernando de C. Pires de (1963) *A Arte Popular em Portugal*, vol. I. Lisboa: Editora Verbo.
SIMÃO, José; MARQUES, Telma (2010) Casa do Ferreiro, Associação para o Desenvolvimento do Nordeste Algarvio, Alcoutim.

VICTOR, Isabel; GONÇALVES, Luís; ABREU, Maurício; DUARTE, José Teófilo (1993) *Artesãos E Artesanato – Percursos na Costa Azul*. Setúbal: Edição da Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul. Correaria do Oeste, disponível em: <https://www.correariaoeste.com/categorias/material-para-ferrador/>, consulta setembro de 2022
Revista Continente, disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/145/potengi--a-arte-de--forjar-o-ferro>, consulta setembro de 2022
Destaque notícias, disponível em: <https://www.destaquenoticias.com.br/leia-ferreiro-uma-profissao-milenar-que-esta-em-extincao/>, consulta setembro de 2022

Fontes documentais

Livro de Registos de Licenças Comércio e Indústria do Arquivo Documental do Município de Carrazeda de Ansiães.



Código QR. Aponte o seu telemóvel com uma aplicação que permita leituras de códigos QR e veja o vídeo intitulado “Ferrador”. Este vídeo integra o discurso museográfico do Museu da Memória Rural em Vilarinho da Castanheira, nomeadamente a exposição relativa à profissão tradicional de Ferrador.

